

GEOGRAFIAS DA DOR EM *A DESUMANIZAÇÃO*, DE VALTER HUGO MÃE

José Luís giovanoni Fornos*

Resumo: O presente ensaio examina o romance *A desumanização*, do escritor português Valter Hugo Mãe, observando as dores e traumas que assinalam a trajetória familiar das personagens. Igualmente, traça aspectos da geografia cultural e física que compõem o ambiente. O tratamento da morte e seus efeitos no âmbito comunitário são observados. O trabalho de luto desenvolvido pela rememoração é um dos elementos significativos do livro que expõe as fraturas identitárias carregadas de inocência e o horror.

Palavras-chave: trauma – luto - melancolia – romance português – Valter Hugo Mãe

O enredo do romance *A desumanização* (2014), de Valter Hugo Mãe, é assinalado por devaneios e reflexões realizadas por uma menina em torno dos efeitos da morte da irmã gêmea. Ao mesmo tempo, tais reflexões desencadeiam uma série de elementos para o entendimento da história do livro. Entre estes se tem a configuração de uma geografia singular, marcada pelos fiordes, característica da Islândia, país em que os acontecimentos ocorrem.


Também a presença de animais e de um clima hostil, assim como o ciclo de marés e da mitologia compõem o painel das ações, influenciando nos destinos das personagens. A paisagem exemplar contribui igualmente para a expansão do caráter erótico, atingindo desde cedo as preocupações dos moradores do vilarejo.

Outro aspecto significativo é a manifestação da palavra poética como figura essencial na composição do texto narrativo. A poesia e sua função existencial colaboram para a urdidura da estrutura, adquirindo papel exemplar na representação dos dramas vividos. Desta, soma-se ainda a figuração de deus, continuamente expressa no decorrer da história, alimentando uma discussão acerca do seu potencial simbólico e material.

No entanto, é sob o impacto das perdas através da morte de entes queridos e seus efeitos que a narrativa se detém, servindo de ligação aos principais eventos. As perdas trazem traumas¹ que custam a cicatrizar em âmbito familiar e comunitário. Tais danos

* Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) contato: jlgf@vetorial.net


¹ Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud denomina como trauma “aquelas impressões, cedo experimentadas e mais tarde esquecidas”, a que concede grande importância na “etiologia das neuroses”. De acordo com pesquisas, Freud diz que “aquilo que chamamos de fenômenos (sintomas) de uma neurose são o resultado de certas experiências e impressões que encaramos como traumas etiológicos.” Para Freud, os traumas ocorrem na primeira infância até aproximadamente o quinto ano de idade. As experiências, via de regra,



acabam por entrelaçar fatos do presente com os do passado que, recalcados, serão motivos para a revolta e vingança. Ao final, têm-se as respostas para o horror, bem como para a beleza, deflagrados no decorrer do romance. Ainda que tal ocorra, a complexidade do ambiente e sua exuberância espacial torna o livro como algo grandioso.

Decorrentes de tais observações gerais, *A desumanização* se apresenta como um romance expresso pela grandiosidade do espaço e dos acontecimentos. Das

são totalmente esquecidas, não sendo acessíveis à memória. Incidem, segundo o estudioso, “dentro de período de amnésia infantil, geralmente interrompida por alguns resíduos mnêmicos isolados, conhecidos como recordações (ou lembranças) encobridoras.” (p.66) Para Freud, tais experiências estão relacionadas a impressões de “natureza sexual e agressiva” e também a “danos precoces ao ego (mortificações narcísicas).”(p. 66) Segundo Freud, os efeitos dos traumas são de dois tipos, positivos ou negativos. “Os primeiros são tentativas de pôr o trauma em funcionamento mais uma vez, isto é, recordar a experiência esquecida ou, melhor ainda, torná-la real, experimentar uma repetição dela de novo, ou, mesmo que ela seja apenas um relacionamento emocional primitivo, revivê-la num relacionamento análogo com outra pessoa.” (p.67) Para Freud, resumimos esses esforços “sob o nome de fixações no trauma e como uma compulsão a repetir.”(p.67) As reações negativas seguem o objetivo oposto, isto é, “que nada dos traumas esquecidos seja recordado e repetido.”(p.68) “Sua expressão principal constitui aquilo que é chamado de evitações que se podem intensificar em inibições e fobias.” Tais reações negativas também efetuam as “contribuições mais poderosas para a cunhagem do caráter.” (p.68) Todos esses fenômenos, tanto sintomas quanto as restrições ao ego e as modificações estáveis de caráter, possuem uma qualidade compulsiva: isso equivale a dizer que tem grande intensidade psíquica e, ao mesmo tempo, apresentam uma independência de grandes consequências quanto à organização dos outros processos mentais que se ajustam às exigências do mundo real e obedecem às leis do pensamento lógico. Eles os [fenômenos patológicos] são insuficientemente ou de modo algum influenciados pela realidade externa, não lhes concedem atenção ou a seus representantes psíquicos, de maneira que podem facilmente entrar em oposição ativa a ambos. São, poder-se-ia, dizer um Estado dentro de um Estado. (p. 68). Em seu ensaio *Literatura e trauma*, Márcio Seligmann-Silva elabora sua reflexão sobre o tema a partir do estudo *O desenvolvimento da teoria do trauma na psicanálise* do estudioso alemão Werner Bohleber. De acordo com Seligmann-Silva, para Bohleber, a discussão em torno do trauma parte de uma necessidade histórica que determinou o nascimento e o desenvolvimento de tal teoria. Segundo Bohleber: “As catástrofes do século passado [XX], bem como as do que se inicia, como guerras, Holocausto, perseguição racista e étnica, bem como o crescimento da violência social e a consciência agora desenvolvida com relação à violência na família, aos maus tratos e ao abuso sexual de crianças, fizeram e fazem dos traumatismos das pessoas e das suas consequências uma tarefa incontornável para o desenvolvimento teórico e para as técnicas da psicanálise.” (p.135)



manifestações geográficas, passando pela exuberância da linguagem, pela exaltação do silêncio e solidão, culminando num desenlace, ao mesmo tempo, trágico e sublime, o livro traz o excesso e a difícil tarefa de compreendê-lo.

A história do romance expõe o instinto de sobrevivência das personagens diante de fatos dolorosos. Um constante ensaio acerca do trabalho de luto e a tentativa de superação são realizados. A morte aparece como fenômeno central que produz gestos e palavras de alento e tristeza, enaltecendo ou obscurecendo os ritos da perda e a dissolução afetiva.


A história de *A desumanização* divide-se em duas partes. Em ambas, a figura central é a menina Halladora, narradora principal, entre outros fatos, dos efeitos e consequências da morte da irmã gêmea Sigridur. Logo após a morte, Halla, como é denominada, visita diariamente o túmulo da irmã, mantendo um diálogo em que recupera episódios e opiniões de Sigridur.

De outro modo, na tentativa de absorver a perda, pai e mãe se afastam, encerrando-se em si a dor do acontecido. Cada qual catalisa a perda de maneira distinta, atingidos por um processo de alienação profunda. Os afetos transitam entre a apatia, solidão e violência.

Em meio à própria descoberta do corpo, transformando-se de menina à mulher, cabe à filha gêmea, com apenas doze anos, a interpretação e entendimento acerca do que ocorrera, procurando seguir seu caminho, inicialmente num testemunho solitário, para em seguida dividi-lo com o companheiro de nome Einar.

Nas visitas ao túmulo de Sigridur, Halla constrói diálogos imaginários, sentindo na pele a ausência da irmã. O fantasma de Sigridur atravessa boa parte do enredo.² O

² Tal discussão em torno do passado e as imagens que se anunciam no presente, vale conferir igualmente a ideia de fantasma como aquela figura existente-não existente. Sob tal tema e categoria, ver, entre outros, o estudo *Espectros de Marx*, de Jacques Derrida. Em tal obra, Derrida analisa os procedimentos fantasmáticos em Shakespeare e Marx, demonstrando uma interlocução entre as obras dos dois autores. Derrida afirma: “A experiência do espectro, eis aí como conjuntamente com Engels, Marx terá pensado, descrito ou diagnosticado uma determinada dramaturgia da Europa moderna, principalmente a de seus grandes projetos unificadores. Na sombra de uma memória filial, Shakespeare terá frequentemente inspirado essa teatralização marxiana.” (p.19) Na sequência, Derrida interroga-se: “o que vem a ser um fantasma”. Para o autor, um fantasma é sempre “retornante”. Nesse sentido, “não se tem meios de controlar suas idas e vindas porque ele *começa por retornar*.” (p.27)



pai, por sua vez, para suportar a dor, preenche o tempo com a escrita de poemas. Compartilha com a filha os textos, abastecendo, ao mesmo tempo, a filha com livros. A figura paterna mostra-se por meio da palavra, uma maneira de redenção numa tentativa de se redefinir identitariamente após a morte da filha Sigridur. De outro modo, a mãe ataca a si brutalmente, perdendo os limites da dor:


Por vezes minha mãe sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura da louça. Não lhe podíamos pedir que se afastasse. Ainda que se pusesse anêmica, meio morrendo, era como queria. Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar a filha. (2014, p. 33)

Em diversas ocasiões, Halla padece com as agressões da mãe. Numa delas, envenenada, Halla acorda com o seio mutilado. O pai salva-lhe da situação.

Nesta noite, o meu pai no barco, deitei-me atordoada. Não suportava a cabeça. A cabeça estava com um inchaço do corpo, um pedaço de porcaria que não tinha sentido. Entendi mais tarde que comera algum veneno. Fizera-me dormir além do sono. Um apagamento violento que me deixara a mercê. Quando acordei, a minha mãe desfizera-me um mamilo. A pele falhava. O sangue já seco escondia os cortes. As dores eram profundas. A minha mãe disse-me que precisávamos de sacrificar o coração. Não sentir e não temer. Te medo era um egoísmo insuportável. Eu gritei. Chamei-lhe louca, má, chamei-lhe o diabo. Arrancara-me um ovo da pele. Dizia que era o símbolo da maternidade. Chorei para que meu pai voltasse. (2014, p.33)

O encontro de Halla com Einar oferece à menina novos parâmetros para suas reflexões. Em meio aos constantes atos violentos impostos pela mãe, Halla vê uma oportunidade de sair de casa, um desejo inspirado em Sigridur. As atenções e consequente atração por Einar ocorrem nos banhos nas piscinas termais, características típicas da região. As aproximações diárias fazem com que a jovem tenha outra percepção do rapaz que é visto como um tolo pelos membros da comunidade.

Einar fora criado por Steindór, o sacerdote que igualmente cabe administrar as demandas locais. Desde que o pai morrera o jovem auxilia na Igreja. Carrega consigo algo que, aos poucos, vem à tona, alterando o rumo da história da comunidade. Einar reprime o passado, numa silenciosa obediência a Steindór, atendendo-o, sempre, sem questionamento. A Halla tal comportamento causa-lhe um estranhamento. À medida que a garota passa a conhecer Einar, as opiniões derivadas da comunidade a respeito do jovem, passam a ser reavaliadas, observando que o rapaz esconde um passado que necessita ser compreendido e explicado.




A gravidez de Halla e, em seguida, a morte do filho logo ao nascer, é outro episódio traumático, trazendo sofrimento à menina. Aos doze anos, Halla engravida de Einar, assombrando a família e a população local. O desejo de ser mãe é interrompido com a perda da criança, revoltando a menina. Na passagem a seguir, há a descrição do parto e um filho morto nos braços, num uivo de tristeza profunda:

O ovo partira. Diziam que era o ovo de serpente. Abriria para a eclosão das feras. Estaria para o mal. As águas saíram fedendo de dentro de mim. Escorreram como mal cozinhadas, a coagular. Traziam sangue e sangue solidificado. Eram novelos vermelhos que tinham pequenos filamentos como anêmonas do coração. Medusas. Monstros do coração. Perdi os sentidos. Quando me puseram um filho quieto nos braços, julguei que o meu próprio corpo se tinha ao colo. Julguei que os meus braços se seguraram. O corpo quieto do meu filho ainda mal completo. Minúsculo. Enrugado. Uns gramas de filho que não se sustentavam. Estavam no pano postos como uma pressa inexplicável. Era um filho à pressa. A minha mãe disse: fazes tudo assim, maldita, fazes tudo como se fosses um bicho. Vou gostar de te ver morta como um bicho também. E eu respondi: morra a senhora também, minha mãe. O Einar veio gritar de louco ao pé da nossa casa. Souberam todos que eu estava de morte ao colo. Souberam todos como ele chorou e se enfureceu. O meu pai, punido, abraçou o louco. Deixou-o entrar. Eu disse-lhe: está morto. Agora, é mais uma coisa de deus. (2014, p.80-81)

Este acontecimento encerra a primeira parte do livro, marcado pelo impacto da morte no seio familiar e no vilarejo que suspeita de que o filho fosse do pai da menina.

A segunda parte inicia com a saída de Halla de casa, indo trabalhar para Steindór. A chegada de uma tia da família de Halla passa a ser o elo ao passado. A tia fora uma paixão do padre Steindór. Voltara para se casar. As sombras e o silêncio do passado são aos poucos revelados quando, ao final do romance, Einar recupera as lembranças da infância, narrando à Halla o que ocorrera ao pai. O jovem recorda de um passeio ao alto da montanha. Estavam presentes o pai, ele, Steindór e a tia de Halla. O pai levava-o pela mão. De repente afasta-se do filho, seguindo a solicitação de Steindór. Os três adultos se dirigem ao precipício. Einar se lembra de tal episódio, narra à Halla o que ocorrera a seguir:

E depois o homem sem nome largou-lhe a mão e o Steindór pediu-lhe que afastasse muito dali. Que fosse pelo caminho mais atrás, sem ficar a olhar, sem ver, porque iriam rezar assuntos de adultos. Iriam rezar de modo complicado e triste. A tristeza não era para rapazes novos. Vai por ali, rapaz. O homem sem nome disse-lhe: amo-te muito. E o Einar escutou e assim o fez. Respondeu: sim, pai, eu vou e fico à tua espera. Afastou-se até ficar de cabeça pequena no ar, confundida à distância com os altos da rocha, o acidentado do cimo da montanha que podia disfarçar-se de muita gente olhando. O Einar olhou. Via a mulher e os dois homens como se fossem mais magrinhos, umas traves magras ofuscadas pela claridade. Espanava-se dos mosquitos e observou como uma das




traves caiu. Era uma linha tênue no clarão que se descontava. Uma linha que, de todo o modo, pareceu deixar um grito, agora sim, que chegou pequeno no lugar de Einar, mas robusto. Um grito de homem. O Einar escondeu a cabeça. Espreitou depois. Pela largura baixa, entendeu que uma das duas traves persistindo teria de ser a minha tia. Esvoaçava-lhe a saia, engrossava-lhe sempre o corpo o casaco de penas fiadas. Pela altura, uma estatura rara, O Einar percebeu que a outra trave teria de ser o Steindór. O homem sem nome, não lhe restavam dúvidas, saltara. O Einar disse-me que se esquecera do nome daquele homem e que nunca mais pudera perguntar por ele. Disse-me que aquele homem era o seu pai. Chorou muito por se lembrar do seu pai a dizer-lhe que o amava. (2014, p.142-143)

Após o passeio, mais tarde, dizem que o pai de Einar se suicidara. Einar passa a viver com Steindór. A tia viaja, vivendo em outra região do país. Ao tomar conhecimento da história, é Halla que vinga a morte do pai Einar, ateando fogo na moradia onde vivem Steindór e a tia, agora casados, causando a morte de ambos. A chama da poesia é posta em prática quando, simbolicamente, é com os papéis onde se encontram os escritos poéticos do pai que Halla serve-se para por fogo na casa do pastor.

Diante da breve apresentação do romance, o que se nota em *A desumanização* é um poderoso testemunho³ acerca das relações humanas marcadas pela tristeza profunda causada pela morte e seus efeitos individual e coletivo. As tentativas de superação através de um contínuo trabalho de luto torna-se um exercício complexo e difícil, figurado na palavra lírica como ação necessária como elaboração dos eventos traumáticos.

O livro, através da voz narrativa de Halla, procura na palavra poética um modo de compreender os dramas humanos. O que se nota é que o alcance pretendido pelo ato poético carrega em si seu caráter paradoxal. Se por um lado, enaltece os momentos sublimes e trágicos, constituídos pela melancolia e tristeza, por outro é limitado diante da obtenção da justiça frente aos violentos atos empreendidos pela liderança comunitária que a acata em cúmplice silêncio. Ao mesmo tempo em que a palavra

³ Segundo Jaime Ginzburg, o conceito de testemunho “tem ganhado espaço nos últimos anos nos estudos literários brasileiros”, podendo ser encontrado em “investigações sobre temas hispano-americanos, africanos e alemães” (2012, p. 52). O campo do testemunho tem crescido em torno do debate sobre as relações entre escrita e exclusão. Ginzburg afirma que o debate crítico sobre testemunho e literatura inclui desde posições amplamente favoráveis à valorização do testemunho, assim como ponderações incisivas, como a de Beatriz Sarlo. Ao se falar em testemunho, Ginzburg destaca para “uma perspectiva que associa o debate entre a escrita à reflexão sobre exclusão social” (2012, p.52). Nesse sentido, os discursos críticos, adverte o estudioso, que apontam para “separações rígidas entre literatura e história podem ser rediscutidos em razão de uma integração necessária que o testemunho, como objeto de investigação, solicita entre os campos das duas disciplinas” (2012, p. 52). O estudo do testemunho pretende a articulação da estética e da ética como campos indissociáveis do pensamento.




poética procura expor os temores e medos, tentando entender os enigmas humanos, por outro, ela é incapaz de por em ação efetivas mudanças da realidade, incapaz de enfrentar os atos discursivos normativos da religião e da política.

Na dialética do viver e do narrar, é somente no encontro dos dois momentos é que se tem efetivamente a vida plena dos homens, sejam estes instantes vividos no amor ou no crime. O assassinato do pai de Einar é vingado por Halla. O gesto vai além do senso poético herdado do pai de Halla. Vingança contra a comunidade que, ao preservar o segredo, acoberta preconceitos, impedindo que o indivíduo cresça livre. Einar era esse segredo de todos que Halla procura dar voz, combatendo o culto das palavras de Steindór e os acordos implícitos da coletividade.

Nesta perspectiva, a compreensão do luto exige um trabalho de rememoração do social e seus artifícios discursivos e práticos para a manutenção do poder, envolvendo as comunidades num secreto silêncio de cumplicidade e leniência. Tal dimensão provém inicialmente das reflexões de Freud. Dois textos são fundamentais para tal tratamento: *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Luto e melancolia* (1915). O primeiro discute as resistências que impedem que acontecimentos traumáticos do passado sejam trazidos ao consciente, ficando recalçados no inconsciente. De acordo com Freud, o inconsciente se pauta pela não verbalização, fazendo com que seu conteúdo não seja narrado. Ao invés disso, surgem “mecanismos de substituição/transferência” que mascara de maneiras distintas o retorno do recalçado como, por exemplo, a “compulsão de repetição”. O sujeito não reproduz o fato esquecido em forma de lembrança, mas em forma de ação, repetindo tal ação sem saber que o faz. Esse processo é uma maneira de resistência à conscientização do acontecimento traumático. (FREUD, 1969, v. XII, p. 196-197)

O “trabalho de elaboração” da resistência entraria como mecanismo importante na reconciliação do sujeito com o objeto recalçado vivido no passado. O intuito da elaboração é descobrir os impulsos instintuais reprimidos que alimentam a resistência. Tal trabalho pode ser definido como a busca do sujeito em direção ao núcleo indestrutível desse passado vivido, agora alcançado através da lembrança.

Em *Luto e melancolia*, o ponto de partida é uma perda significativa. Perda essa que conduz o sujeito a um superinvestimento na representação do objeto perdido, numa tentativa de mantê-lo vivo. Duas linhas de ação decorrem dessa situação. A primeira seria a realização do luto, “presumido como diretamente acessível, pelo menos num



primeiro momento.” (RICOEUR, 2007, P.85) A segunda linha, consequência do fracasso da primeira, seria a impossibilidade de abandono do investimento no objeto perdido, levando o sujeito à melancolia. O trabalho de luto, para Freud, é realizado quando, não existindo mais o objeto amado, a libido é retirada do mesmo, afastando qualquer ligação entre ambos. Todavia, o abandono de uma posição libidinal não se constitui em tarefa fácil, nem mesmo quando da já apresentação de um substituto. É necessário grande dispêndio de tempo e energia catexial,⁴ prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Todavia, quando da conclusão do trabalho de luto, o sujeito fica livre e desimpedido novamente.

Os ensaios de Freud servem de apoio a Ricoeur ao aproximar tais categorias à natureza e função da história e da memória. De acordo com o filósofo francês, “a história encarrega-se dos mortos de antigamente”, assim a operação histórica pode ser considerada como “um ato de sepultamento”, isto é, um “ato renovado de sepultamento”. Daí que tal “sepultura escriturária prolonga no plano da história o trabalho da memória e o trabalho de luto”. (2007, p.506). Desta forma, o trabalho de luto separaria definitivamente o passado do presente, abrindo espaço para o futuro.

A revolta trágica de Halla é a defesa de sobrevivência do sujeito histórico diante do excesso imposto pela geografia, entrevista num espaço marcado por uma história de mitos e monstros que alienam e comprometem as relações amorosas que se instalam para além desses mesmos espaços. A desumanização é um livro de excessos que gira a partir da imponência geográfica e dos sujeitos, numa tensão dialética cujos efeitos estão marcados pelo fenômeno da morte e suas consequências. Em tal complexidade de ação e discurso, A desumanização se sustenta como um texto altamente reflexivo cujo final é exuberância da linguagem poética e dos atos em conflito, mediados pelo crime e a inocência.


Referências

DERRIDA, Jacques. *Os espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: _____. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, 2012.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XII, 1969.

⁴ Segundo Freud, catexia é o processo por meio do qual a energia libidinal contida na psique é relacionada ou aplicada na representação mental de um indivíduo, coisa ou ideia.



_____. Luto e melancolia. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIV, 1969.

MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas; SP: Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era da catástrofe*. Campinas; SP: Unicamp, 2003.

_____. Literatura e trauma: um novo paradigma. In: _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.